

Os gêneros do discurso sob perspectiva da Análise Dialógica de Discurso do Círculo de Bakhtin

Rodrigo Acosta Pereira¹ (*drigo_acosta@yahoo.com.br*)

Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, RN, Brasil

Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC, Brasil

Rosângela Hammes Rodrigues² (*hammes@cce.ufsc.br*)

Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC, Brasil

Resumo: A pesquisa objetiva discutir os parâmetros teórico-metodológicos da análise de gêneros do discurso à luz da Análise Dialógica de Discurso (ADD) do Círculo de Bakhtin. Para tanto, revisitamos pesquisas que investigam a análise descritivo-interpretativa de gêneros sob a perspectiva da ADD com o intuito de contextualizarmos nossas explicações sobre essa corrente de análise de discurso e de gêneros. Entendemos que a pesquisa torna-se relevante, à medida que não apenas contribui para a consolidação de estudos em ADD, como também colabora para a compreensão dos gêneros para as práticas de ensino e aprendizagem de línguas.

Palavras-chave: gêneros do discurso; dialogismo; Bakhtin.

Abstract: This research aims at presenting the main theoretical and methodological parameters for genre analysis based on the Dialogical Discourse Analysis (DDA) from the Bakhtinian Circle. To do so, we review different studies that aimed at presenting a descriptive and interpretative genre analysis based on DDA. We understand that this research is relevant, because it not only contributes to the consolidation of DDA studies in Applied Linguistics but also collaborates to the comprehension of genres in language teaching and learning practices at school.

Keywords: discourse genres; dialogism; Bakhtin.

1 Professor de Linguística da UFRN. Doutorando em Linguística da UFSC.

2 Professora do Programa de Pós-graduação em Linguística da UFSC.

INTRODUÇÃO

Rodrigo
Acosta
Pereira

Rosângela
Hammes
Rodrigues

148

Discussões sobre a Linguística Aplicada (LA) contemporânea têm identificado a caracterização transdisciplinar de suas pesquisas, interrogado seu campo de atuação, desenvolvimento e objetivos, assim como apontado as diversas mudanças e transformações sociais que refletem indireta e diretamente nas práticas de construir e reconstruir conhecimento nessa área. Fabrício (2006) postula que estamos vivendo num momento de mobilidade e reconstruções contínuas que nos levam a repensar sobre as teorizações contemporâneas e a relação dessas teorias com as mudanças e rupturas constantes da vida social, cultural, política e econômica. De acordo com a autora, a atual confluência e multiplicidade de fenômenos sociais e ideológicos (locais e globais) estão diretamente inter-relacionados, levando-nos a uma reflexão ininterrupta sobre o fazer pesquisa e o (re)construir conhecimento.

Sob esse panorama, a presente pesquisa situa-se no âmbito da LA dialógica e transdisciplinar e, a partir desse posicionamento epistemológico, objetiva discutir como os gêneros do discurso são investigados sob o escopo teórico-metodológico do Círculo de Bakhtin. Objetivando, portanto, um percurso científico heterogêneo e transdisciplinar, procuraremos apresentar uma discussão que vise à “transdisciplinaridade como a leveza de pensamento necessária para compreender, interpretar e interferir nas realidades complexas representadas pelas práticas sociais situadas” (ROJO, 2006, p. 259).

Assim, a partir dessa perspectiva, este ensaio objetiva apresentar: (a) algumas das considerações teórico-metodológicas do estudo de gêneros do discurso pela Análise Dialógica de Discurso (ADD); e (b) algumas das pesquisas desenvolvidas sobre gêneros do discurso sob o âmbito da ADD no campo da LA. Para tanto, revisitaremos postulações do Círculo de Bakhtin (1926; 1989; 1993; 1998; 2003; 2006), assim como de seus interlocutores contemporâneos (ACOSTA-PEREIRA, 2008a; 2008b; 2009; AMORIM, 2006; BRAIT, 2005; 2006a; 2006b; 2007; MACHADO, 2007; MIOTELLO, 2007; RODRIGUES, 2001; 2005; ROJO, 2005; SILVA, 2007), procurando compreender os principais conceitos e relações teórico-metodológicas da ADD para a análise de gêneros.

Em síntese, a presente pesquisa assim se organiza: a seção de introdução, que apresenta uma breve contextualização da pesquisa; a segunda seção, que apresenta discussões epistemológicas sobre os conceitos de enunciado e gêneros da ADD; a terceira seção, que explana sobre a metodologia sociológica de análise da linguagem do Círculo de Bakhtin; a quarta seção,

por sua vez, traz delineamentos metodológicos sobre o assunto, revisitando algumas pesquisas na área; e a seção de conclusão, que direciona o leitor às considerações finais da presente pesquisa.

AS RELAÇÕES ENTRE OS CONCEITOS DE ENUNCIADO E GÊNEROS NA ADD

Bakhtin e o Círculo objetivaram apresentar uma concepção de linguagem que não apenas estivesse desvinculada da compreensão da língua como representação individual de pensamento (visão subjetivo-idealista), assim como da língua como sistema abstraído das práticas sociais de uso (visão objetivista-abstrata).

Bakhtin (2003) compreende que os diferentes usos da linguagem (em suas diversas semioses, podemos acrescentar) efetuam-se na forma de enunciados concretos, únicos e proferidos por sujeitos participantes das interações sociais que ocorrem em determinados campos de atividades. Esses campos, ou esferas sociais, não apenas saturam e significam os enunciados de determinadas projeções ideológicas, valorativas e de sentidos como, em adição, os consubstanciam de determinadas condições de produção e finalidades discursivas, que se materializam no conteúdo temático, no estilo e na composição dos enunciados.

Em adição à compreensão da definição de enunciado e sua constitutividade social, Bakhtin (1998; 2003) discute a questão da alteridade e da construção de sentido(s) a partir dos enunciados de outrem. Para o autor, pertence também ao campo dos estudos do enunciado (nas palavras do autor, da metalinguística) a investigação dos diferentes graus e tipos de alteridade da palavra do outro. Nessa busca pelo entendimento da constitutividade dialógica do enunciado, Bakhtin afirma que não há enunciados isolados, à medida que todo e qualquer enunciado pressupõe enunciados que o antecederam (os enunciados já-ditos) e aqueles que se sucederão no tempo e no espaço (enunciados pré-figurados). “Nenhum enunciado pode ser o primeiro ou o último. Ele é apenas um elo na cadeia [da comunicação discursiva].” (2003, p. 371). Para essa compreensão do dialogismo fundante da língua(gem) a partir (mas não apenas) da relação entre os enunciados do sujeito e os do outro, o autor ainda salienta que tudo que diz respeito ao sujeito chega a sua consciência a partir do outro. Em outras palavras, para o autor, “a palavra do outro deve transformar-se em minha-alheia (ou alheia-minha)” (BAKHTIN, 2003, p. 381). Na voz do autor,

Minha imagem de mim mesmo. Qual é a índole da concepção de

Rodrigo
Acosta
Pereira

Rosângela
Hammes
Rodrigues

150

mim mesmo, do meu eu em seu todo? Em que ele se distingue essencialmente da minha concepção do outro? A imagem do eu ou o conceito, ou o vivenciamento, a sensação, etc. A espécie de ser dessa imagem [...]. O que eu compreendo por eu quando falo e vivencio: [...] *Eu-para-mim e eu-para-o-outro, o outro-para-mim*. O que em mim é dado imediatamente e o que é dado apenas através do outro. (BAKHTIN, 2003, p. 382, grifos do autor).

Dessa forma, podemos verificar a importância da relação de diálogo entre o eu e o outro como instância constitutiva do sujeito e de sua linguagem, ambos fundados no dialogismo, realidade de existência do enunciado. Na obra *Para uma filosofia do ato*, Bakhtin (1993), sob a ótica da unicidade do ser e do evento, pontua especificamente questões sobre a linguagem como atividade e o enunciado como um ato irrepitível, único, concreto, situado e singular, que emerge de uma atitude responsivo-avaliativa em relação à realidade.

Dessa forma, podemos entender que, ao mesmo tempo que os enunciados, do ponto de vista da eventicidade, são únicos e irrepitíveis, do ponto de vista da historicidade, eles são dialógicos, pois, como unidades concretas de comunicação, dialogam constantemente na concretude das interações com outros enunciados (já-ditos e pré-figurados), “tecendo” sentidos. Além disso, esses enunciados que se produzem e circulam em determinadas esferas e determinadas situações sociais de interação mantêm também relações dialógicas entre si, gerando, historicamente, modos sociais de dizer e agir, resultando no que Bakhtin (2003, p. 262) denomina de gêneros do discurso. Desse modo, se, do ponto de vista da eventicidade, os enunciados são únicos, do ponto de vista da historicidade e das práticas interativas, eles são balizados pelos gêneros, que legitimam e significam a produção de novos enunciados.

A respeito da constituição dos gêneros e de seu papel nas práticas interativas, Bakhtin (2003, p. 262) afirma que

Todos os diversos campos da atividade humana estão ligados ao uso da linguagem. Compreende-se perfeitamente que o caráter e as formas desse uso sejam tão multiformes quanto os campos da atividade humana, o que é, claro, não contradiz a unidade nacional de uma língua. O emprego da língua efetua-se em forma de enunciados (orais e escritos) [e em outras semioses] concretos e únicos, proferidos pelos integrantes desse ou daquele campo da atividade humana. Esses enunciados refletem as condições específicas e as

finalidades de cada referido campo não só por seu conteúdo (temático) e pelo estilo da linguagem, ou seja, pela seleção dos recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais da língua, mas, acima de tudo, por sua construção composicional.

Sob essa perspectiva, podemos compreender que os gêneros, definidos como enunciados relativamente estáveis, se apresentam flexíveis, dinâmicos e fluídos, como também são histórico-culturalmente situados. Como pontua Rodrigues (2005), os gêneros são enunciados típicos que apresentam certos traços (regularidades) que se construíram historicamente a partir/nas atividades humanas, em uma determinada situação de interação relativamente estável.

Assim, para a autora, é preciso investigar os gêneros a partir de sua historicidade, pois não são unidades convencionais ou apenas estruturas textuais regulares, mas tipos históricos de enunciados (e, portanto, de natureza social, discursiva, histórica, cultural e dialógica).

Em síntese, são inúmeras as considerações teóricas postuladas por Bakhtin e seu Círculo. Nesta investigação, apenas enumeramos algumas discussões acerca dos conceitos de enunciado e de gênero do discurso, com o intuito de contextualizar brevemente o leitor com determinadas orientações epistemológicas sobre a ADD para, a partir daí, inserir os estudos do Círculo no campo dos estudos recentes sobre gêneros do discurso na LA. Para tanto, a seguir, apresentaremos um breve esboço sobre os pressupostos metodológicos da ADD postulados por Bakhtin e seu Círculo e revisitados por Rodrigues (2001) e Rojo (2005).

A METODOLOGIA SOCIOLÓGICA DE ANÁLISE DA LINGUAGEM – A POSTURA DIALÓGICA FRENTE AO OBJETO DISCURSIVO

As considerações metodológicas de análise da linguagem postuladas por Bakhtin (2006, p. 128-129) seguem os passos a seguir:

- a) estudar as formas da língua e as situações de interação verbal a partir das condições sociais em que se realizam essas formas e essas situações;
- b) investigar as formas dos diferentes enunciados em ligação com a situação de interação de que constituem seus elementos,
- c) examinar, a partir daí, as formas da língua na sua interpretação habitual.

Rodrigo
Acosta
Pereira

Rosângela
Hammes
Rodrigues

152

Em consonância aos postulados de Bakhtin (2003; 2006), Rodrigues (2001), em suas investigações acerca do gênero jornalístico artigo assinado, apresenta a proposta de análise de gêneros do discurso a partir de suas dimensões social e verbo-visual. Com passos e dimensões inter-relacionadas, a autora propõe que investiguemos a dimensão social dos gêneros considerando: (i) sua esfera social; (ii) suas condições sociais de produção, circulação e recepção; (iii) sua situação social de interação; (iv) sua posição de autoria; (v) seus interlocutores, dentre outros aspectos constituintes e funcionais da construção social do gênero.

Quanto à análise da dimensão verbo-visual, Rodrigues (2001) pontua que estudemos (i) seu conteúdo temático; (ii) seu estilo e projeções estilístico-composicionais; (iii) sua arquitetônica e composicionalidade, dentre outros aspectos enunciativo-discursivos do gênero, como, por exemplo, sua dimensão multimodal (visual, audiovisual, dentre outras semioses).

Além disso, em adição à proposta de Rodrigues (2001), Rojo (2005, p. 199) aponta que:

[...] A ordem metodológica de análise que vai da situação social ou de enunciação para o gênero/enunciado/texto e, só então, para suas formas linguísticas relevantes [...]. Ao chegarmos nesse último nível de análise, vale a interpretação linguística habitual, isto é, as teorias e análises linguísticas disponíveis, desde que seguida a ordem metodológica que privilegia as instâncias sociais [...]. Dito de outra maneira, aqueles que adotam a perspectiva dos *gêneros do discurso* partirão sempre de uma análise em detalhes dos aspectos sócio-históricos da situação de enunciativa, privilegiando, sobretudo, a *vontade enunciativa* do locutor – isto é, sua finalidade, mas também e principalmente sua *apreciação valorativa* sobre seus *interlocutores* e *temas* discursivos –, e, a partir desta análise, buscarão marcas linguísticas (formas do texto/ enunciado/ língua – composição e estilo) que refletem no enunciado/texto, esses aspectos da situação.

Dessa forma, a *metodologia da ADD* busca compreender as regularidades enunciativo-discursivas que engendram e se engendram na constituição e no funcionamento dos gêneros do discurso, objetivando entender a relativa estabilização linguístico-enunciativa desse gênero, e procurando reafirmar que “estar regularidades serão devidas não às formas fixas da língua, mas às regularidades e similaridades das relações sociais numa esfera de comunicação específica.” (ROJO, 2005, p. 199).

REVISITANDO PESQUISAS DESENVOLVIDAS EM ADD

Retomando, salientamos que por ADD entendemos uma área de pesquisa que objetiva

[...] esmiuçar campos semânticos, descrever e analisar micro e macro-organizações sintáticas, reconhecer, recuperar e interpretar marcas e articulações enunciativas que caracterizam o(s) discurso(s) e indicam sua heterogeneidade constitutiva, assim como a dos sujeitos aí instalados. E mais ainda: ultrapassando a necessária análise dessa “materialidade linguística”, reconhecer o gênero a que pertencem os textos e os gêneros que nele se articulam, descobrir a tradição das atividades em que esses discursos se inserem e, a partir desse diálogo com o objeto de análise, chegar ao inusitado de sua forma de ser discursivamente, à sua maneira de participar ativamente de esferas de produção, circulação e recepção, encontrando sua identidade nas relações dialógicas estabelecidas com outros discursos, com outros sujeitos. Não há categorias *a priori* aplicáveis de forma mecânica a textos e discursos, com a finalidade de compreender formas de produção de sentido num dado discurso, numa dada obra, num dado texto [...]. As diferentes formas de conceber “enfretamento dialógico da linguagem” constituem, por sua vez, movimentos teóricos e metodológicos que se desenvolvem em diferentes direções. (BRAIT, 2006b, p. 13-14),

Os gêneros do discurso sob perspectiva da Análise Dialógica de Discurso do Círculo de Bakhtin

153

Na presente pesquisa apresentaremos alguns resultados de investigações em LA na perspectiva da ADD, com vistas a atender o objetivo proposto nesta pesquisa, que, como já dito, é compreender como a ADD está se desenvolvendo nas pesquisas atuais sobre gêneros do discurso no campo da LA.³ Apresentaremos um esboço esquemático dos resultados alcançados por Silva (2007) e Acosta-Pereira (2008a) acerca da análise dos gêneros *entrevista pingue-pongue* e *notícia*, investigações realizadas respectivamente por ambos os autores. Além disso, em adição, apresentaremos alguns resultados de pesquisa de Rodrigues (2001) desenvolvidas no LAEL – PUC-SP acerca do gênero *artigo assinado*.

3 Essas investigações que servirão de ponto de partida para a consecução do objetivo proposto pertencem ao Grupo de Pesquisa Os gêneros do discurso: práticas pedagógicas e análises de gêneros, e do projeto (CNPq) Estudo dos gêneros do discurso jornalísticos: análises na perspectiva bakhtiniana da linguagem da UFSC, ambos coordenados pela Prof.^a Dr.^a Rosângela Hammes Rodrigues.

Silva (2007), ao analisar o gênero *entrevista pingue-pongue*, chegou aos seguintes resultados parciais de pesquisa acerca da dimensão verbo-visual⁴ do gênero: (a) o *título* das entrevistas caracteriza um enquadramento do discurso do entrevistado. A construção do título da entrevista publicada é um trabalho estilístico-composicional da responsabilidade do autor da entrevista (no caso, o jornalista e a equipe editorial da revista); (b) a *introdução* apresenta o papel social do entrevistado e a esfera social, revelando o espaço social de onde “fala” o entrevistado; (c) a *posição de autoria* evidencia a função do jornalista na instância profissional e jornalística; (d) a *posição de autoria institucional* se constrói pela a inserção do nome da empresa jornalística como entrevistadora na parte das perguntas e respostas, o que evidencia indícios de autoria da instituição e “apagamento” da voz do jornalista; (e) o *conteúdo semântico-objetal* é construído nas perguntas e nas respostas. Por exemplo, a *contrapalavra* do entrevistado pode evidenciar diferentes efeitos de sentido (suas respostas); (f) a *composicionalidade textual* que, em parte, se dá pela alternância entre pergunta e resposta na entrevista publicada “simula”, representa o gênero entrevista face-a-face, evidenciando a *intercalação de gêneros*; (g) o *recurso de informalidade* acontece como a transposição da linguagem coloquial utilizada na entrevista face a face para a entrevista pingue-pongue, que causa um efeito de intimidade e materializa um *índice valorativo* referente ao papel social do entrevistado; (h) as *marcas de pessoalidade* são construídas pelo uso do pronome “você”, por exemplo, que marca um efeito de apagamento de assimetria entre jornalista e entrevistado.

A autora (idem) também salienta que esse gênero produz processo de citação e enquadramento da entrevista face a face, ou seja, produz uma reenunciação (e enquadramento) do discurso do entrevistado a partir da reavaliação da entrevista face a face. A partir da análise interpretativa dessa situação discursiva, a autora afirma que o entrevistado e seu discurso (da entrevista face a face) constituem o objeto do discurso da entrevista pingue-pongue, à medida que “a valoração axiológica se sobressai, uma vez que o entrevistado já vem envolvido em um “fundo” aperceptivo dos discursos alheios.” (idem, p. 190) e o jornalista, junto com a equipe editorial da revista, operam o enquadramento do discurso do entrevistado a partir de dado fundo aperceptivo-ideológico. Por essa razão, muitas entrevistas face a face não são publicadas, respostas dos entrevistados são “ar-

4 Em função do espaço, apenas apresentaremos explicações acerca da dimensão verbo-visual dos gêneros em análise nesta pesquisa. Ressaltamos a importância da leitura na íntegra dos trabalhos de Rodrigues (2001), Silva (2007) e Acosta-Pereira (2008a), como exemplos de investigações sob o escopo da ADD em LA.

rumadas” etc. Ainda, a parte introdutória da entrevista, seu título e outros elementos são indícios desse papel de enquadramento e reacentuação da fala do entrevistado.

Além disso, Silva (2007) discute que podemos constatar dois *agrupamentos de entrevista pingue-pongue, a partir de duas regularidades distintas*: (a) entrevistas a partir do objeto de discurso: entrevista cujo objeto é o próprio entrevistado e entrevista cujo objeto é o conjunto de acontecimentos sociais (entrevistas temáticas e testemunhais) e (b) entrevistas a partir do lugar de ancoragem (a seção da revista em que se encontra a entrevista), que, por sua vez, se subdividem em: entrevistas satélites (foco no entrevistado, adentrando assuntos relativos a sua vida particular) e entrevistas nucleares (foco em assuntos da contemporaneidade, em acontecimentos sociais).

Silva (2007, p. 194) demonstra haver uma correlação entre os dois agrupamentos de entrevistas, pois há uma aproximação entre as entrevistas cujo objeto de discurso é o próprio entrevistado e as entrevistas satélites, assim como “podemos aproximar as entrevistas cujo objeto do discurso é o conjunto de acontecimentos sociais (mais precisamente as entrevistas temáticas) às entrevistas nucleares”.

Essa relação de aproximação se justifica nas situações em que as entrevistas satélites têm como foco o entrevistado, adentrando assuntos relativos a sua vida particular, que pertencem à esfera íntima, mas se tornam públicos ao serem inseridos na esfera jornalística. Já nas entrevistas nucleares, há uma tendência de focalizar assuntos que contemporaneamente constituem conteúdo jornalístico, ou seja, o conjunto dos acontecimentos sociais que são valorados pela esfera do jornalismo. Entretanto, essa aproximação entre os agrupamentos de entrevistas não se constitui em regra, mas em uma constatação aproximativa (Idem).

Assim, frente a outros resultados alcançados por Silva (2007), podemos compreender o gênero entrevista pingue-pongue como um “discurso citado da entrevista face a face, ou seja, um enquadramento do discurso do entrevistado a partir de uma reenunciação da entrevista face a face (Ibidem, p. 189).”

Para complementar a discussão aqui presente, apresentamos os resultados parciais de Acosta-Pereira (2008a) acerca do gênero jornalístico *notícia* na mídia impressa. Primeiramente, buscamos revisitar os resultados

do autor quanto às (a) *relações dialógicas*⁵ (a confluência de relações de sentido ideológico-valorativas inerentes a todo enunciado) que se engendram e engendram o gênero notícia. O autor assim as identifica e interpreta como: (1) enunciados de outros gêneros na materialização enunciativo-discursiva da notícia (como, por exemplo, enunciados dos gêneros entrevista face a face e pingue-pongue, o resumo e a biografia engendrados no gênero notícia); (2) enunciados de outros gêneros que se intercalam na construção composicional da notícia (tais como os gêneros infográfico e mapa); (3) enunciados de outros gêneros que se entrecruzam na seção na qual a notícia é publicada (por exemplo, propagandas, anúncios, editais, licitações); (4) enunciados de gêneros em diferentes seções do jornal que dialogam com a notícia (como, por exemplo, o gênero chamada de capa); (5) enunciados de notícias que dialogam na mesma seção; (6) enunciados de notícias que dialogam em diferentes dias de publicação no mesmo jornal; e (7) enunciados de notícias que dialogam em jornais diferentes.

Outra questão investigada por Acosta-Pereira (2008a) são os *efeitos de sentido a partir da reenunciação do discurso do outro (projeções valorativas engendradas no gênero)*: (1) efeitos de autoridade: é o enquadramento da voz de credibilidade e de autoridade do Outro frente às informações discursivizadas na notícia; (2) efeitos de reconhecimento: é o enquadramento do enunciado do Outro para legitimar as informações; (3) efeitos de validação: o enquadramento do enunciado do Outro para tornar os dados e informações relatadas na notícia válidos; (4) efeitos de avaliação: é o enquadramento do enunciado do Outro para avaliar as informações da notícia; (5) efeitos de compartilhamento de responsabilidade: é o enquadramento do enunciado do Outro para “compartilhar” a responsabilidade das informações ao longo da notícia; e (6) efeitos de justificação: é o enquadramento do enunciado do Outro para explicitar, explicar ou justificar as informações relatadas. Sobre esses efeitos de sentido acerca da reenunciação da voz do Outro na notícia, Acosta-Pereira (2008a, p. 130) esclarece:

Essas projeções valorativas (efeitos dialógicos de sentido a partir da reenunciação da voz do Outro) saturam os fatos reenunciados pelas notícias, envolvendo-os com determinadas reacentuações axiológicas. É sob essa perspectiva que o gênero notícia se apresenta como uma reação, uma contrapalavra ao discurso de outrem. Em suma,

5 Para o autor, “o horizonte temático do gênero está orientado para e pelos sentidos que se entrecruzam – os outros enunciados; os enunciados do outro – o que se relaciona ao engendramento das relações dialógicas no funcionamento (inter)discursivo das notícias.” (ACOSTA-PEREIRA, 2008a, p. 112).

esses outros pontos de vista ou posições frente aos acontecimentos recebem diferentes valorações, posto que o sujeito autor da notícia incorpora vozes ao seu discurso, avaliando-as e redimensionando-as ao seu objeto e projeto discursivos.

Além disso, a análise da dimensão verbo-visual do gênero notícia, a partir de sua construção linguístico-textual, nos mostrou que a notícia se constitui por meio de diferentes regularidades enunciativas em sua *materialidade linguístico-textual*. A análise de Acosta-Pereira (2008a), dentre outros resultados, revelou que a notícia engendra-se em diferentes *relações dialógicas*, que a regulam e a significam no jornal, além de enquadrar o enunciado do outro, revalorando-o e construindo *efeitos de sentido* por meio de diferentes recursos estilísticos, tais como: marcadores de presunção, identificadores atitudinais, marcadores avaliativos, índices de domínio, indicadores modais, marcas de discurso direto, indireto e bivocal, dentre outros (ver ACOSTA-PEREIRA, 2008a, p. 209).

Dentre os recursos estilísticos acima citados, apresentou-se constante na construção enunciativo-discursiva da notícia o processo de *enquadramento do discurso do Outro*. A *reenuniação* acontece seja sob o âmbito do *discurso relatado direto* ou *indireto*, seja a partir do *discurso bivocal*. Observamos, ainda, que o discurso de outrem reenunciado na notícia constrói determinados efeitos de sentido, a nomear: efeitos de autoridade, de reconhecimento, de validação, de compartilhamento de responsabilidade e de justificação (ACOSTA-PEREIRA, 2008a). Esses efeitos orientam os sentidos entre o gênero e seus *interlocutores*, não apenas direcionado os leitores a determinadas significações, como antecipando sua *atitude responsiva* frente aos acontecimentos relatados na notícia.

Quanto ao estudo sobre o estilo e o *horizonte axiológico*, foi constatado que a notícia, em sua construção estilístico-composicional, apresenta diferentes *visadas dialógicas e valorativas* (movimentos dialógicos, valorados e saturados por orientações ideológicas que organizam a construção estilístico-composicional da notícia), isto é, são materializados recursos enunciativo-discursivos que objetivam orientar o leitor a determinados sentidos e projeções axiológicas. Esses sentidos/visadas podem ser de localização do espaço, do tempo e/ou dos participantes da notícia em questão (determinadas escolhas lexicais e gramaticais que objetivam orientar o leitor para o tempo, espaço e participantes dos fatos noticiados, elementos como adjuntos adverbiais de tempo e de espaço, por exemplo), de retomada do assunto tratado (por exemplo, marcadores remissivos, pronomes demonstrativos marcados axiologicamente), de ativação do conhecimento

Rodrigo
Acosta
Pereira

Rosângela
Hammes
Rodrigues

158

prévio ou compartilhado do público-leitor (determinadas explicações relacionados a informações específicas), de direcionamento a esse público (por exemplo, pronominalização ou substantivações que se remetem ao leitor), assim como de validação e avaliação (enquadramento do discurso de outrem como avaliação ou validação dos fatos, como já mencionado neste trabalho) dos relatos apresentados. Após a breve apresentação de alguns resultados da pesquisa de Acosta-Pereira (2008a), direcionemos nossas discussões para a pesquisa de Rodrigues (2001) sobre o gênero *artigo assinado*.

Quanto ao estudo de Rodrigues (2001) acerca do gênero artigo assinado, a autora pontua que neste gênero, na relação da autoria com os discursos já-ditos, há a incorporação de dois *movimentos dialógicos*: o enquadramento de outras vozes no discurso do autor avaliadas e validadas positivamente, o que a autora denomina de *movimento dialógico de assimilação*; e a desqualificação ou apagamento das vozes às quais o autor se opõe, denominado pela autora como *movimento dialógico de distanciamento*. A respeito das *configurações estilístico-composicionais* do gênero, Rodrigues (2001; 2005) pontua que estas são ligadas ao objeto do discurso e, portanto, são orientadas pela reenunciação dos diferentes discursos já-ditos que se enquadram no artigo. A autora identifica e interpreta, dentre outros aspectos, as *marcas de discurso citado*, *escolhas lexicais*, *expressões avaliativas*, *modalizadores* e *operadores de argumentação*, que valorativamente funcionam como articuladores de sentidos.

Além disso, além dos movimentos dialógicos de reenunciação dos discursos já-ditos, Rodrigues (2001) investiga a orientação do discurso do autor para o seu interlocutor e como aquele projeta e antecipa possíveis reações-resposta deste, isto é, os **movimentos dialógicos** materializados no artigo em função da(s) possível(veis) **reação(ões)-resposta** do leitor do artigo assinado. A autora identificou três grandes movimentos, que denominou de: (a) movimento dialógico de engajamento do leitor ao discurso de outrem - o articulista leva o leitor como aliado, como um co-autor do artigo, o articulista constrói seu discurso como se incorporasse a voz do leitor, “como se ambos falassem da mesma posição valorativa” (RODRIGUES, 2001, p. 210); (b) movimento dialógico de refutação em relação às possibilidades de contrapalavras do leitor (o articulista projeta antecipações da atitude responsiva do leitor, “abafando-as”); e (c) o movimento dialógico de interpelação do leitor ao horizonte valorativo do autor (o articulista apresenta um determinado ponto de vista como “o” ponto de vista, tornado seu ponto de vista (do articulista) como uma norma para os leitores).

Em adição aos movimentos dialógicos, Rodrigues (2001) ainda discute o papel dos *gêneros intercalados* como modos de introdução do discurso do outro no gênero artigo, entendendo-os como um caso de *reacentuação de gênero*. Por exemplo, o gênero carta, inserido no artigo, já não é mais visto como carta apenas, mas um gênero intercalado no artigo, tal como Bakhtin (2003) fala acerca do diálogo no gênero romance. Com isso, para a autora, a partir de panorama metodológico para a análise de gêneros, podemos apontar para a consideração de três grandes *instâncias de constituição do gênero*: sua esfera social, sua situação social de interação (seu cronotopo) e suas relações dialógicas.

Em síntese, o que buscamos mostrar nessa seção, a partir da apresentação sucinta de três pesquisas de análise de gêneros, é que, *em uma análise bakhtiniana da linguagem, não há categorias pré-estabelecidas a partir das quais o pesquisador enquadra e analisa seus dados*; o tratamento investigativo sobre gêneros, por exemplo, a partir de uma metodologia mais geral de análise da linguagem que estabelece um certo percurso metodológico, requer do pesquisador um caminho exaustivo de “idas e vindas” aos dados, em busca das relativas regularidades dos gêneros, haja vista seu caráter heterogêneo, polifônico, pluriestilístico, interdiscursivo e dialógico, para, a partir daí, elaborar conceitos teóricos.

Como afirma Brait (2006b, p. 20-21, grifo do autor), “um dos maiores ensinamentos de Bakhtin é a atitude diante da linguagem, que consiste não na aplicação de conceitos preestabelecidos, mas *numa atitude dialógica que permite extrair conceitos do corpus analisado.*”

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Entendemos que há diferentes correntes teóricas nos campos da Linguística e da LA que buscam investigar os gêneros do discurso/textuais como instâncias mediadoras de nossas práticas sociais cotidianas nas mais variadas esferas/campos da atuação humana (ver, por exemplo, ACOSTA-PEREIRA; RODRIGUES, 2009). Nesse estudo, procuramos delinear como esse objeto de pesquisa é investigado na perspectiva dos estudos da ADD do Círculo de Bakhtin, apresentando alguns dos conceitos fundantes dessa área e revisitando pesquisas sob esse panorama epistemológico.

Discutimos os conceitos de enunciado e gêneros do discurso, pontuando como os enunciados apresentam-se enquanto unidades reais de comunicação, que, ao se estabilizarem, em determinadas esferas de atuação, a partir de situações de interação típicas, tornam-se gêneros do discurso. Ao retomar as postulações bakhtinianas acerca dessas duas questões, es-

Rodrigo
Acosta
Pereira

Rosângela
Hammes
Rodrigues

160

tamos cientes que deixamos de explicar sobre outros aspectos importantes no conjunto de formulações das obras do Círculo, tais como: ideologia, cronotopia, sentido e significação, subjetividade, autoria, dentre outros.

Uma segunda consideração pode ser feita acerca do que entendemos como ADD e sobre uma teoria dialógica de gêneros do discurso. Bakhtin não apresentou especificamente categorias metodológicas para análise do discurso ou dos gêneros. Pelo contrário, sob o escopo da ADD, entendemos que cada gênero do discurso apresenta particularidades típicas, não apenas referentes à situação de interação da qual o gênero significa, como também, ao seu horizonte temático, estilo e composicionalidade. Dessa forma, para um analista do discurso e do gênero, no âmbito da ADD, é preciso projetar a pesquisa partir de “idas e vindas” aos dados, para assim, ascerdem as regularidades enunciativo-discursivas que se engendram na constituição e na funcionalidade do gênero, posto que não há categorias *a priori*, mas regularidades sociointeracionais que se articulam para a sua significação. Com isso, os estudos de Acosta-Pereira (2008a); Rodrigues (2001) e Silva (2007) são exemplos de como diferentes gêneros, apresentam diferentes características sócio-funcionais.

Outra consideração relevante é quanto às pesquisas que procuramos revisitar ao longo do presente estudo: buscamos explicar sobre aquelas que pertenciam ao nosso grupo de pesquisa, por estarem mais próximas de nossos percursos enquanto pesquisadores nessa área. Assim, num movimento de retorno ao nosso trabalho, conseguimos retomar nossa investigação para reenunciá-la nesse artigo, não apenas problematizando os resultados valorados na época, como os ressignificando para o presente ensaio. Portanto, foi por meio desse diálogo constante entre os “já-ditos” e os “pré-figurados” que buscamos desenvolver essa presente discussão.

Por fim, entendemos que a pesquisa aqui delineada apresenta-se importante, à medida que não apenas colabora para a compreensão dos gêneros do discurso como enunciados que relativamente estabilizam e normatizam nossas práticas interacionais e nossas relações interpessoais, como, também, contribui para a consolidação da ADD no campo da LA.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ACOSTA-PEREIRA, R. **O gênero jornalístico notícia: dialogismo e valoração.** Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2008a.

_____. Gêneros do Discurso: experiências psicossociais tipificadas. **Revista**

Eletrônica de Divulgação Científica em Língua Portuguesa, Linguística e Literatura Letra Magna, 2008b. Disponível em: www.letramagna.com/generoslinguistica.pdf. Acesso em: 31 jan. 2010.

_____; RODRIGUES, R. H. Perspectivas atuais sobre gêneros do discurso no campo da Linguística. **Revista Eletrônica de Divulgação Científica em Língua Portuguesa, Linguística e Literatura Letra Magna**, 2009. Disponível em: www.letramagna.com/generoslinguistica.pdf. Acesso em: 31.01.2010.

AMORIM, M. Cronotopo e exotopia. In: BRAIT, B. (Org.). **Bakhtin: outros conceitos-chave**. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2006. p. 95-113.

BAKHTIN, M. M. (VOLOCHINOV, V. N.). **Discurso na vida e discurso na arte (sobre a poética sociológica)**. Trad. de Carlos Alberto Faraco e Cristóvão Tezza [para fins didáticos]. Versão da língua inglesa de I. R. Titunik a partir do original russo, 1926.

_____. **Problems of Dostoievsky's poetics**. Ed. e trad. Caryl Emerson. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1989.

_____. **Para uma filosofia do ato**. Texto completo da edição americana *Toward a philosophy of the Act*. Austin: University of Texas Press. Trad. Carlos Alberto Faraco e Cristóvão Tezza [para fins didáticos], 1993.

_____. **Questões de literatura e de estética: Teoria do romance**. 4. ed. São Paulo: UNESP, 1998.

_____. **Estética da criação verbal**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

_____. (VOLOCHINOV, V. N.). **Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem**. 12. ed. São Paulo: Hucitec, 2006.

BRAIT, B. (Org.). **Bakhtin: conceitos-chave**. São Paulo: Contexto, 2005.

_____. (Org.). **Bakhtin: outros conceitos-chave**. São Paulo: Contexto, 2006a.

_____. Análise e teoria do discurso. In: BRAIT, B. (Org.). **Bakhtin: outros conceitos-chave**. São Paulo: Contexto, 2006b. p. 9-33.

Os gêneros do discurso sob perspectiva da Análise Dialógica de Discurso do Círculo de Bakhtin

161

FABRÍCIO, B. F. Linguística aplicada como espaço de desaprendizagem: redescrições em curso. In: MOITA LOPES, L. P. da (Org.). **Por uma linguística aplicada indisciplinar**. São Paulo: Parábola, 2006.

MACHADO, I. Gêneros discursivos. In: BRAIT, B. (Org.). **Bakhtin: conceitos-chave**. São Paulo: Contexto, 2007. p. 151-167.

Rodrigo
Acosta
Pereira

MIOTELLO, V. Ideologia. In: BRAIT, B. (Org.). **Bakhtin: outros conceitos-chave**. São Paulo: Contexto, 2007. p. 168-177.

Rosângela
Hammes
Rodrigues

RODRIGUES, R. H. **A constituição e funcionamento do gênero jornalístico artigo: cronotopo e dialogismo**. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2001.

_____. Os Gêneros do discurso na perspectiva dialógica da linguagem: a abordagem de Bakhtin. In: MEURER, J.L.; BONINI, A.; MOTTA-ROTH, D. (Orgs.). **Gêneros: teorias, métodos e debates**. São Paulo: Parábola, 2005. p. 152-183.

ROJO, R. Gêneros do discurso e gêneros textuais: questões teóricas e aplicadas. IN: MEURER, J.L.; BONINI, A.; MOTTA-ROTH, D. (Orgs.). **Gêneros: teorias, métodos e debates**. São Paulo: Parábola, 2005. p. 184-207.

_____. Fazer linguística aplicada em perspectiva sócio-histórica: privação sofrida e leveza de pensamento. In: MOITA LOPES, L. P. (Org.). **Por uma linguística aplicada Indisciplinar**. São Paulo: Parábola, 2006. p. 253-274.

SILVA, N. **O gênero entrevista pingue-pongue: reenunciação, enquadramento e valoração do discurso do outro**. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2007.

Recebido em 31 mar. 2010 / Aprovado em 30 ago. 2010